Ano XXVIII Nº 339 novembro de 2017

ALUISIO AZEVEDO DE CORPO INTEIRO

Rui Ribeiro

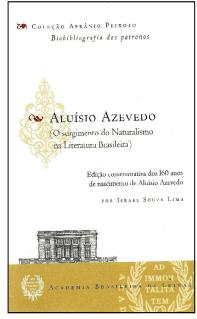
ibliófilos existem - um número considerável talvez - que se comportam com egoísmo em relação aos livros acumulados ao longo da vida. Guardam para si os conhecimentos adquiridos e agem com avareza quanto ao que consideram seu tesouro, mantendo-o longe dos olhos alheios. Quando morrem, a família no geral livra-se de sua valiosa biblioteca, vendendo-a, muitas vezes a preço irrisório, a "sebos" e livrarias especializadas, que a revendem, no varejo, a outros membros da confraria informal dos bibliófilos.

Exclui-se desse comportamento Israel Souza Lima, que tem se dedicado, durante anos, à pesquisa literária. Num trabalho admirável de diligente garimpeiro intelectual, ele escreveu a biobibliografia dos 40 patronos da Academia Brasileira de Letras, resultado de seis décadas de persistente atividade. publicada numa série de alentados volumes. Sai agora, de sua autoria, "Aluísio Azevedo - o surgimento do Naturalismo na Literatura Brasileira", desenvolvido dentro dos mesmos rigorosos critérios dos estudos anteriores. A pesquisa engloba organizada compilação e análise de textos sobre a vida e obra do romancista, alguns deles praticamente desconhecidos face sua raridade, e que contem revelações inusitadas. O pesquisador consultou bibliotecas públicas e particulares, vasculhou coleções de jornais e revistas, resgatou publicações da extensa obra do autor, estampando fotos de folhas de rosto, principalmente das primeiras edições, junto a indicação do número de páginas, nome do editor e outros dados de interesse bibliográfico. Registros inéditos inscrevem peças teatrais, obras transformadas em filmes e novelas e as vertidas para outros idiomas, estas comprovadas pela reprodução de capas, caso da tradução checa de "O Cortiço", com o título de "Osada na predmesti".

A bem elaborada cronologia que abre o livro, os depoimentos do próprio escritor e dos que com ele conviveram, bem como os juízos críticos sobre sua produção permitem retrospecto sobre a trajetória de Aluísio Azevedo, entremeada de acontecimentos curiosos, alguns deles hilariantes. Destacam, por exemplo, que sobreviveu em período da mocidade à custa de pintar quadros a óleo sobre pessoas mortas, prática costumeira na capital maranhense. Ao contrário de outros artistas, que retratavam os defuntos como que maquiados para uma festa, o jovem pintor os mostrava sem disfarce com toda a fealdade da morte. Essas telas provocaram espanto na população. Uma delas chegou a servir para "intimidar criancas manhosas" e "era emprestada de casa em casa entre famílias. Assim que as crianças começavam a fazer manha, as mães intervinham: Olha que vou buscar o tabelião!" (Referiam-se ao quadro que fixara a imagem horrenda do tabelião falecido.)

O aparecimento de "O mulato". que os críticos consideraram um dos marcos iniciais do naturalismo brasileiro, foi saudado com elogios pela imprensa carioca e nomes ilustres . Capistrano de Abreu, Urbano Duarte. Clóvis Bevilágua. Silvio Romero, Araripe Júnior e outros intelectuais em diversas regiões do país. Paradoxalmente, a nota discordante aconteceu em São Luiz, onde o livro fora publicado. Em matéria agressiva estampada no jornal "Civilização", em 23 de julho de 1881, o articulista aconselhou o autor a "...abandonar essa vidinha de vadio escrevinhador e ir cultivar nossas ubérrimas lavouras (...) pois precisamos de bracos e não de prosas em romances.

O produto da venda da obra polêmica permitiu que Aluísio Azevedo se transferisse para o Rio de Janeiro, objetivando cenário mais adequado ao desenvolvimento de sua arte. Trabalhou de início como ilustrador de revistas e aos poucos



migrou para as letras de vez

Em seu romance "A conquista", Coelho Netto transmite a impressão que lhe causou o primeiro contato com o literato já famoso: "um homem simples, modesto e pobre, de calça de brim, camisa de setineta aberta ao peito". A residência, que imaginava suntuosa, consistia num único cômodo em habitação coletiva, tendo "ao centro a mesa acumulada de livros e papeis, duas estantes de ferro, a cama ao fundo e as paredes nuas, tristemente nuas como as da cela de um monge." O poeta Augusto de Lima, em visita ao escritor, confirma a precariedade das acomodações encontradas, que se resumiam a "...uma cama sem roupa branca, tendo apenas para cobrila um cobertor vermelho e por uma mesa de pinho suportando uma estante de poucos livros. A não serem estes, nenhum outro móvel se oferecia à vista, além de um caixote, que servia de mocho, e de um biombo..." O encontro de ambos se deu em 1888, promovido por iniciativa de Raimundo Corrêa.

Apesar de suas concepções naturalistas, já reveladas em "O

mulato", Aluísio Azevedo teve que fazer concessões ao público leitor para ganhar o pão de cada dia. Ainda predominava na época o interesse pelos romances-folhetins publicados em capítulos pela imprensa, nos moldes das obras alambicadas de Alexandre Dumas, Macedo e Bernardo Guimarães, marcadas por "enredos complicados, mortes, intrigas, amores impossíveis..." Assim, para atender a exigências materiais da vida, o autor teve que aderir às tendências vigentes com "A mortalha de Alzira", "Mistérios da Tijuca", "Philomena Borges", transformadas em livros depois da publicação pela imprensa, alguns com os títulos modificados. Aliás, grande parcela do povo ainda tem preferência pelo gênero, que persiste nos tempos atuais. Que o digam as novelas de televisão, que são, na realidade, autênticos folhetins- eletrônicos modernizados.

O amigo íntimo Coelho Netto (parece que por um período coabitaram sob o mesmo teto) acompanhou o intenso labor do companheiro, o empenho com que estudava os tipos e costumes transpostos para sua ficção. Foi confidente no desabafo revoltado de que escrevia por "força da fatalidade (...), não por ideal", ouviu-lhe as queixas sobre a pouca remuneração recebida dos editores e a confissão de que seu ideal era "um emprego público, coisa aí como amanuense ou escriturário, com vencimentos certos". Conseguiu, afinal mais do que almejava - um lugar de cônsul, falecendo, no exercício do cargo.

Escrito em comemoração aos 160 anos do nascimento de Aluísio Azevedo, o livro de Israel Souza Lima amplia a imagem do admirável romancista, que entretanto se considerava mero e mal pago operário das letras .

Rui Ribeiro é escritor, crítico literário e autor do livro Notas de Realejo – estudos sobre literatura e MPR. Página 2 - novembro de 2017

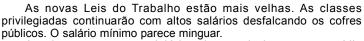
De Volta para o Passado

Rosani Abou Adal

O descaso para com o povo brasileiro é tamanho que estamos retrocedendo no túnel do tempo.

A Consolidação das Leis do Trabalho sendo esquartejada.

As mudanças sempre em prol dos poderosos nocauteiam o cidadão brasileiro. Os direitos adquiridos pelas mulheres indo pelo ralo.



As aberrações nos noticiários da grande imprensa e mídia narcotizam a população que vive cada vez mais sufocada com o estreitamento dos seus direitos. Com pouco acesso à Cultura, Saúde e Educação.

Políticos com verbas escandalosas destinadas para suas saúdes e o povo nas filas dos hospitais mendigando por tratamentos médicos e remédios. Políticos com acesso aos melhores hospitais e o povo fica meses e meses nas filas para conseguir fazer uma consulta e algum exame.

Políticos com auxílio gravata e paletó e o povo sem Cultura e Educação. Políticos com aposentadorias pré-maturas e integrais e o povo trabalhando até morrer como escravos para se aposentar com um salário mínimo.

Políticos corruptos sem punição e o cidadão quando rouba um litro de leite para matar a fome dos filhos fica atrás das grades.

A Lei da desigualdade em vigor. Vivemos um retrocesso em todas as áreas. No setor cultural, na saúde e educação já virou rotina o corte orçamentário. As verbas sempre ficam nas mãos de poucos privilegiados. Um novo filme entrou em cartaz: De Volta para o Passado.

Rosani Abou Adal é poeta, jornalista e vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura anual: R\$ 100,00 semestral: R\$ 50,00

Depósito em conta 19081-0 - agência 0719-6 - Banco do Brasil - Envio de comprovante, com endereço completo, para o email linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br
Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000
Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255
Distribuição: Encarte em A Tribuna Piracicabana, distribuído a

assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades. Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi
Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

MENINAS DE ROSA E AZUL

Raquel Naveira

É belíssima a coleção do Museu de Arte de São Paulo! Entre os vários retratos, o mais lindo para mim é sem dúvida o célebre quadro "Meninas de Rosa e Azul". uma pintura a óleo sobre tela de 1881, do artista impressionista francês Renoir. São duas meninas, duas irmãs, Elisabeth e Alice, filhas de um rico banqueiro judeu. Quase gêmeas, seis e cinco anos, posam de mãos dadas, trajando elegantes vestidos de renda, com faixas na cintura, uma rosa, outra azul, sapatos estilo boneca pretos, meias coloridas. Que delicadeza soberba! Parecem vivas, cheias de graça instintivamente feminina. A tinta gorda, esticada com pincel chato deu volume e textura aos babados, brilho lustroso ao cetim. Os rostos polidos assemelhamse à porcelana. A técnica do pontilhismo, vista de perto, cobre de pequeninos furos o entremeio dos franzidos. A menina maior. Elisabeth. é loira, cabelos cacheados, transpira vaidade em azul. Alice é morena, tímida, os olhos marejados de lágrimas, o polegar seguro na tira rosa. Atrás, a cortina de veludo vinho lembra um palco que poderá se abrir. Com frescor e candura de infância materializam-se diante de nós.

O quadro foi descoberto por marchands, no início do século XX, esquecido no 6º andar de uma misteriosa casa da avenida Foch, em Paris. Sabe-se que Alice viveu até 89 anos. Já Elisabeth teve destino trágico: morreu a caminho do campo de concentração de Auschwitz, aos 69 anos

Duas meninas, duas irmãs. Como eu e minha irmã. Raquel e Rita. Elisabeth e Alice. Violeta e Margarida. Teriam sido unha e carne? Parceiras de risos, segredos e sonhos? Teriam vivido em união e amor? Teriam se apoiado em todas as situações com generosidade sincera? Sentiram a dor e a felicidade uma da outra? Ou a distância, as limitações, os desencantos as separaram ainda na juventude?



Meninas de Rosa e AzuL - Renoir

Será que tinham medo de escuro, acendiam o abajur, faziam preces juntas? Terão feito passeios pela lua e pelos planetas, observando os astros da janela do quarto? Pequenas feiticeiras, rodopiaram em meio a luzes e bolhas de sabão? Precisaram desapegar-se uma da outra? Renunciaram ao convívio de irmãs por outras pessoas, ideais e lugares? Concederam-se mútua liberdade? Dedicaram-se à paz e à alegria daqueles que as amaram? Aceitaram a todos, principalmente a seus pais, como eles eram, exaltando suas virtudes e escondendo com uma capa suas falhas e defeitos? Tiveram compaixão uma da outra? Perdoaram-se sempre com integridade cristalina? Que terá sido feito dessas meninas? Por quais caminhos andaram? Que foi feito de mim e de minha irmã? O destino é cruel com as parcerias e afetos.

Olhando "As Meninas de Rosa e Azul", penso que tenho alma de donzela e que cada uma delas mora dentro de mim. E que, às vezes, ainda seguro de longe, a mão de minha irmã

Raquel Naveira é Doutora em Língua e Literatura Francesas pela Universidade de Nancy (França), Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP e vice-presidente da Academia Sul-Matogrossense de Letras.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 - soninhaabou@gmail.com

LINGUAGEM VIVA Página 3 - novembro de 2017

MONIZ BANDEIRA

Emanuel Medeiros Vieira

"Para o mundo, o Brasil está na lata do lixo. Um Executivo desmoralizado, composto por políticos altamente corruptos, um Legislativo quase todo vendido e um judiciário que politiza as suas decisões. E ninguém tem mais ideologia.'

(MONIZ BANDEIRA - Salvador, 30 de dezembro de 1935 - Eildelberg, Alemanha -10 de novembro de 2017)

Perdemos Luiz Alberto de Vianna Moniz Bandeira.

Mais ainda: a intelectualidade internacional sofreu uma considerável perda.

Professor universitário, cientista político pela USP (Universidade de São Paulo), historiador, e também, especialista em Política Exterior do Brasil, o pensador baiano estava radicado na Alemanha há vários anos.

Mais que isso: lutou, em toda a sua vida, para a construção de um modelo essencialmente nacional para o nosso país.

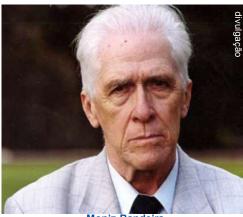
Sempre batalhou para que o Brasil não se apequenasse. Sonhava com um país altivo, desenvolvido e justo. Aspirava um país soberano, que fosse protagonista, e não mero grão de areia na imensa praia global.

Suas obras são referências na ciência política e na sociologia, como avaliou Luiz Lasserre.

Entre elas, estão A Desordem Social (2016), A Segunda Guerra Fria (2013), Formação do Império Americano (2005), Lênin – Vida e Obra (1978) e O Ano Vermelho - a Revolução Russa e seus Reflexos no Brasil (1967) - as duas últimas foram relançadas neste ano em função do centenário da Revolução Russa.

Visceral, orgânico, acreditava fundamente no que dizia em palestras e conferências e no que escrevia.

Dizer que um pensador, acreditava profundamente no que falava e escrevia, pode parecer um lugar-comum ou até redundância,



mas faço tal observação, porque muitos, no fundo, não acreditam no que dizem ou escrevem.

"Moniz Bandeira tem um posicionamento marcante em favor da política cultural, da defesa da liberdade de expressão e da nacionalidade brasileira", afirmou o então presidente da UBE, Joaquim Maria Botelho, quando o nome do pensador baiano foi indicado, pela entidade citada, para concorrer ao Prêmio Nobel de Literatura por seu "trabalho como intelectual que vem pensando o Brasil há mais de 50 anos".

Quando completou 80 anos, em 2016, foi homenageado na sede da UBE (União Brasileira de Escritores) com grande seminário intitulado: "80 Anos de Moniz Bandeira".

Ele captou a nossa enorme crise, na convicção de que o Estado brasileiro parecia desintegrado.

E não está?

A obra que deixou é referência essencial nas áreas de ciência política e sociologista. O homem chamado Moniz Bandeira passou, mas a sua obra ficará.

(Salvador, novembro de 2017)

Emanuel Medeiros Vieira é escritor, poeta, crítico e membro da Associação Nacional de Escritores.

ATÉ QUANDO?

Raymundo Farias de Oliveira

Um silêncio perturbador povoa ruas e avenidas de nossa querida e bela Pindorama. Praças outrora ocupadas pelo povo cochilam agora em uma guietude tumular como se não mais houvesse esperança sonhos e utopias... A crise moral econômica e social é coisa enterrada no passado? Como se tudo estivesse resolvido os oradores se calaram e foram embora. As tribunas estão vazias. Já não ouvimos o canto marcial nem o grito raivoso das multidões compactas. Não contemplamos o colorido cívico das manifestações que tanto sacudiram nossas emoções mais profundas. O que está acontecendo? Oh! como dói a vida sem esperança sem sonhos e sem utopias... Até quando suportaremos calados o peso cruel deste silêncio perturbador?

Raymundo Farias de Oliveira é escritor e procurador do Estado aposentado.

Insônia

Dialma Allegro

Divagações bilaterais equívocas cismas que abrangem um longo de lacunas

Reflexões de poréns meditações de nadas. Madrugada! Sob os raios da lâmpada minúscula queima o derradeiro cigarro Do Sem-Sono.

Djalma Allegro é escritor, poeta, advogado e diretor da União Brasileira de Escritores.

VIVA O BRASIL... de Odette Mutto

Livraria Asabeça - www.asabeca.com.br - Link direto:http://www.asabeca.com.br/

detalhes.php?sid=14062017135017&prod=7981&friurl= -VIVA-O-BRASIL--Odette-Mutto-

&kb=669#.WUFpcFXyuM8

Livraria Cultura -www.livrariacultura.com.br Link direto: http://www.livrariacultura.com.br/p/livros/ literatura-nacional/contos-e-cronicas/viva-o-brasil-46412605

Livraria Martins Fontes Paulista - www.martinsfontespaulista.com.br Link direto: http://www.martinsfontespaulista.com.br/viva-o-brasil-534465.aspx/p

Cia dos Livros - www.ciadoslivros.com.br - Link direto: http:// www.ciadoslivros.com.br/viva-o-brasil-contos-745138-p627207



Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Rua Coronel Xavier deToledo, 234 Sobreloja República São Paulo - SP - (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 sebobrandaosp@gmail.com Face: Sebo Brandão São Paulo https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr

Página 4 - novembro de 2017

Em homenagem a Cassiano Nunes

Adelto Gonçalves

ı

Primeiro de uma série de cinco volumes, *Poesia - Obra Reunida* (Brasília: Universidade de Brasília/Thesaurus Editora, 2015), de Cassiano Nunes (1921-2007), reúne livros esgotados e poemas inéditos do poeta, ensaísta, conferencista e antigo professor de Literatura Brasileira da Universidade de Brasília (UnB), à qual consagrou 25 anos (1966-1991) de dedicação e amor pelas letras, formando gerações de mestres e doutores.

Sem herdeiros, o professor doou à UnB não só a sua extensa biblioteca como muitos manuscritos que hoje formam o acervo do Espaço Cassiano Nunes, que fica na Biblioteca Central no Campus Universitário Darcy Ribeiro daquela instituição. Talvez os cinco volumes previstos não sejam suficientes para abrigar uma vasta produção que inclui muitas conferências em universidades do Brasil e da Europa e dos Estados Unidos bem como uma obra que consta de mais de uma centena de títulos, muitos dos quais aguardam reedição, além de textos inéditos.

Ésse trabalho é fundamental porque só assim a produção teórica, além da obra poética, ficaria ao alcance não só do leitor comum como dos professores e pesquisadores que, com certeza, haverão de incluí-la nos programas universitários. Dessa tarefa foi incumbida a professora Maria de Jesus Evangelista, nomeada pelo reitor da UnB como curadora do Espaço Cassiano Nunes e amiga de longa

data do colega de trabalho, que neste primeiro volume reuniu cinco livros já publicados — *Prisioneiro do Arco-Íris* (1962), *Jornada* (1972), *Madrugada* (1975), *Jornada Lirica* (1984) e *Poesia II* (1998) —, além de peças inéditas e reflexões breves chamadas pelo autor de "Grafitos nas Nuvens" (1995), que foram publicadas no diário Correio Braziliense.

O livro encerra-se com "Poemas traduzidos" (1998) para o inglês, que trazem uma apresentação ("Seven Sides to Cassiano Nunes") do professor Danilo Lôbo, que, aliás, foi quem saudou o poeta por ocasião da outorga do título de Doutor Honoris Causa que lhe fez a UnB em 2002.

Ш

Como bem observa na introdução que escreveu para este livro o poeta e ensaísta Anderson Braga Horta, a poesia de Cassiano Nunes é despojada, com uma "linguagem bem cuidada, mas nada de excessos de palavras, de preciosismos linguísticos, de complicações formais, enfim". Mais: "não metrificada, mas musical, com apurado senso de ritmo".

Além disso, é uma poesia madura, sem arroubos juvenis, pois não se conhece até agora a produção do poeta em seus verdes anos, que talvez ainda resida no acervo que legou à UnB. Até porque o poeta demorou muito para mostrar os frutos do seu ofício: só com 41 anos idade publicou o seu primeiro livro de poemas, Prisioneiro do Arco-Íris. Desse livro, é "Canto do prisioneiro" em que mostra a sua ligação à cidade de Santos, que

seria uma marca de sua poesia: "Felizes são os marinheiros/ que partem sem dizer adeus, e em cada porto de escala/ renovam o mistério do amor/ (...) Só eu não parto... Prisioneiro do arco-íris/ como quem num presídio abafa/ e expressa a sua ânsia cons truindo/ um navio dentro de uma garrafa!".

Do livro *Madrugada*, é o poema "Sou de San-

tos" em que faz uma referência a outro poeta santista, Ribeiro Couto (1898-1963), de geração anterior: Nasci perto do mar/ como Ribeiro Couto / Como ele, cantei/ o cais do Paquetá,/ cheio de marinheiros,/ estrangeiros./ aventureiros./ Apitos roucos de navios/ me atraíam para outras terras,/ propostas sedutoras./ Corri mundo./ vim parar no Planalto Central/ onde, solitário, entre livros,/ contemplo os últimos anos./ Às vezes, à noite,/me encaminho para o lado do Eixo/ e me detenho ante os terrenos baldios/ (amplidão) da Asa Sul./ Ao longe,/ os guindastes das construções/ sugerem um cenário de cais./ E o



vento me traz com o cheiro de sal/ o inútil apelo do mar.

Vivendo os 40 anos finais de sua vida em Brasília, obviamente, a nova capital federal não deixaria de ficar marcada em sua poesia, pois, andarilho, conhecia praticamente todos os seus meandros. de que é exemplo o poema "Palavras à Cidade Livre hoje Núcleo Bandeirante": "Há vinte anos, quando aqui cheguei/ no Planalto Central,/ em Brasília, ainda encontrei/ intacta, na tua verdade pioneira,/ na tua realidade rude, mas fecunda: áspera imagem, do "far west" brasileiro, e Cidade Livre!/ Livre! Haverá adjetivo/ com mais oxigênio e glória? (...)

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO – COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÒFARES - SEMENTES -CHÃO DE PITANGAS -100 HAICAIS BRASILEIROS



Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Antologias:

Poemas: Il Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL





100 Haicais

Opções de compra: Livraria virtual TodaCultura:

www.todacultura.com.br via telefax: (11)5031-5463 - E-mail:debora nc@uol.com.br - Correio:

Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.



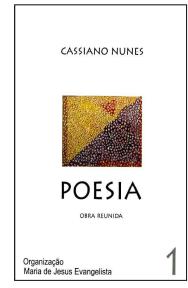
Página 5 - novembro de 2017

Ш

Filho de um português de escassas letras, para quem "livros não davam dinheiro", e nascido numa rua do tradicional bairro da Vila Mathias, o futuro poeta e professor Cassiano Nunes Botica, a princípio, não teve como não se vergar à imposição do pai: formouse técnico de Contabilidade pelo Colégio Santista, instituição católica dirigida pelos Irmãos Maristas, a uma época em que a profissão de contador significava na cidade pelo menos uma carreira na prefeitura local ou em alguma empresa de despachos aduaneiros ou de corretagem de café. Aquela época, cursar o Colégio Santista era privilégio reservado a famílias que tinham recursos financeiros, o que indica que a de Cassiano não seria de modesta condição.

Foi difícil, mas Cassiano conseguiu escapar do futuro discreto e obscuro que o pai autoritário, como deixou explícito em alguns de seus versos, insistia em lhe apontar, não sem antes passar três anos como datilógrafo de um instituto de aposentadoria para os estivadores, até conseguir um emprego no Office for Inter-American Affairs, ainda em sua cidade natal.

Mas, por conta própria, começou a ler muito, até que se integrou aos meios intelectuais da cidade nos anos de 1940. Foi, então, que encontrou guarida em A Tribuna, principal diário da cidade, onde comecou a publicar resenhas e críticas de livros. Nessa década, com os poetas Roldão Mendes Rosa (1924-1988) e Narciso de Andrade (1925-2007), participaria do movimento literário denominado Pesquisista, que reuniria também, entre outros nomes, Miroel Silveira (1914-1988), Cid Silveira (1910-?), Nair Lacerda (1903-1996) e Leo-



nardo Arroyo (1918-1985).

Foi secretário-executivo da Câmara Brasileira do Livro a partir de 1947, quando a entidade iniciava suas atividades em prol da difusão do livro no país. Em São Paulo, vivendo sozinho, muitas vezes em modestos hotéis, conseguiu o título de bacharel e licenciado em Letras Anglo-Germânicas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), em 1954 e 1955, respectivamente.

Numa época em que quase não havia no Brasil universidades que oferecessem estudos de pósgraduação, ele obteve bolsa para estudar na Miami University, onde se especializou em Literatura Norte-Americana. Estudou Literatura Norte-Americana também na Universidade de Ohio. Depois, novamente com bolsa de estudos, rumou para a Alemanha, onde na Universidade de Heidelberg se aperfeiçoou em Literatura Alemã.

Lá deu aulas de Literatura Brasilei-

Ao retornar para o Brasil com tamanha bagagem, tornou-se orientador cultural na Editora Saraiva. de São Paulo. Foi ainda fundador da Biblioteca Pública de São Vicente. Por fim, em 1966, por sugestão do poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), seu amigo, foi para Brasília, onde ajudou na instalação da UnB. Antes disso, ajudou os professores Antônio Soares Amora (1917-1999) e Antônio Cândido (1918-2017) a fundar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, no Estado de São Paulo, em 1958, e foi ainda professor-visitante na Universidade de Nova

Entre os muitos livros que publicou estão O Lusitanismo de Eça de Queiroz (1947); A Evolução da Literatura dos Estados Unidos (1953); Modernidade de Chaucer (1954); Prisioneiro do Arco-Íris 1962); A Experiência Brasileira (1964); Sedução da Europa (1968); Norte-americanos (1970); Retrato no Espelho (1971), O Sonho Brasileiro de Monteiro Lobato (1979); A Felicidade pela Literatura (1983); A Atualidade de Monteiro Lobato (1984); Jornada Lírica (1984); Poesia – II (1998); e Literatura e Vida (2004), entre outros.

Participou de antologias como Poemas do Amor Maldito (1969), com organização de Gasparino Damata e Walmir Ayala; Antologia dos Poetas de Brasília (1971); Brasília na Poesia Brasileira (1982), com organização de Joanyr de Oliveira; Poetas de Santos (1977), com organização de João Christiano Maldonado; Nem madeira nem ferro podem fazer cativo quem na aventura vive (1986); Caliandra — Poesia em Brasília (1995); Cronistas de Brasília.

(1996, v.2), com organização de Aglaia Souza; *Poesia de Brasília* (1998); e *Poemas para Brasília* (2004), com organização de Joanyr de Oliveira, entre outras.

IV

Maria de Jesus Evangelista. professora de Letras da Universidade de Brasília, nascida no Piauí, é bacharel em Letras Neoclássicas pela Universidade Federal do Maranhão e doutora pela Université de Toulouse, França. Com estudos comparativos em Portugal, foi professora catedrática na Universidade de Coimbra, onde dirigiu o Centro de Estudos Brasileiros. Tem publicado ensaios em revistas especializadas no Brasil e no exterior. Recentemente, publicou pela Editora da UnB o livro Cassiano Nunes - Poesia e Arte.

Poesia - Obra Reunida, v.1, de Cassiano Nunes, organizada por Maria de Jesus Evangelista, com introdução Anderson Braga Horta.

Brasília:Thesaurus Editora/ Espaço Cassiano Nunes/ Biblioteca Central/Universidade de Brasília, 270 págs., 2015. maju.curadora@bce.unb.br

Adelto Gonçalves é escritor, jornalista, mestre em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispanoamericana e doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e autor de Os Vira-latas da Madrugada, Gonzaga, um Poeta do Iluminismo, Barcelona Brasileira, Bocage - o Perfil Perdido, Tomás Antônio Gonzaga e Direito e Justiça em Terras d'El-Rei na São Paulo Colonial, entre outras obras. marilizadelto@uol .com.br

Dr. Djalma Allegro Dra. Ana Martha Ladeira

Advocacia Trabalhista Especializada

Rua do Bosque, 1589 - Cj. 301 - São Paulo - SP

Tels.: (11) 3393-7164 - 3393-7165 - adjaladv@gmail.com

Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

Rua Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11- Mooca - São Paulo Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br Página 6 - novembro de 2017

ROSA

Maria Beatriz Sayeg Freire

Qual o papel da rosa na conversa última? Qual o papel do gesto na despedida purulenta de semblantes amargurados e corações estraçalhados?

Qual a mensagem de vida que uma cabeça de rosa tal qual cabeça de criança bonita com cabelos vermelhos de sangue sem caule, sem terra pode representar?

Qual o sentido da rosa podada ainda botão prévia ao receptáculo de polens, porvir de outras e mais rosas por beijos de borboletas e pássaros ?

Qual a razão dos espinhos que restaram no talo da rosa decepada?

Jaz aqui a rosa num copo d'água com suas folhas, espinhos laço de celofane e um resto de perfume. Perfume... sentença e vingança da rosa decapitada encima da escrivaninha...

Eu quisera tanto uma rosa... Agora aqui, real, mutilada a rosa me pergunta por quê? Velo por ela a rosa imolada no sacrifício mudo de ilusões que não florescem.

Maria Beatriz Sayeg Freire é escritora, poeta, médica e professora universitária.

Rosani Abou Adal

Poemas traduzidos para o francês, inglês, espanhol, italiano, húngaro e grego.

www.poetarosani.com.br

Releitura

Betty Vidigal

Agora que te releio sinto-me meio esquisita:

essa mulher que te habita não é a mesma que veio guardar teus sonhos na caixa de papelão corrugado, atando um laço de fita sobre a tampa, com cuidado.

Às vezes creio em teus sonhos, às vezes sei que é delírio. E tua alma de lírios nem devia ter parado por aqui, quando passou. Devia só ter olhado para o meu lado – um olhar distraído de passante, sem nem registrar a imagem mas deixando, na passagem, tua marca em meu espanto.

Deixando teus olhos claros para sempre cravejados nos meus olhos, mas levando de ti a essência, o extrato concentrado que deixaste desses sonhos, por engano.

E eu, parada na estrada, recostada na porteira, à sombra das trepadeiras, das buganvílias floridas, saberia que passou por ali meu desatino.

Passou por mim, mas nem viu: passou como um viajante, olhando sempre adiante, para a próxima parada.

Era isso que tua alma, nessa viagem do acaso devia mesmo ter feito. Devia ter dado um jeito de não se prender por nada.

Em vez disso, abriu os braços fechou os olhos, mordeu com fúria o lado da mão. Devia ter dito não, mas o dia entardeceu, o sol se pôs sobre a estrada.

Essa mulher que te assombra, te garanto: não sou eu.

Betty Vidigal é escritora, poeta, contista, jornalista e diretora da União Brasileira de Escritores.

SALVE, SALVE, BRASIL!

Débora Novaes de Castro

Pena! Tanta corrupção em nossa pátria gentil; improbidade, desvão, amada pátria, Brasil.

Na política, desmandos e trambiques à nação; mas nunca, que tantos bandos no ninhal da corrupção.

As tais "aves de rapina", as ditas "aves do bem", as que sob áurea propina assinam a tudo e além.

- Avante ó povo sofrido nessas passeatas e mais; morte ao poder "corroído", que nossa pátria é demais!

7 de setembro, 2017.

Débora Novaes de Castro (Débora de Castro) é escritora e artista plástica, Mestre em Comunicação e Semiótica – Intersemiose na Literatura e nas Artes, pela Puc-São Paulo, 2004. Em dez. 2016, sua 19ª publicação: O HAICAI NO BRASIL Comunicação & Cultura, pela Scortecci Editora.

MEDO

Sonia Sales

A garça se espreguiça com indizível ternura é o momento da despedida.

Na escada de caracol dançam bailarinas casuais soletrando músicas de coro. Com nervos tensos as feras espreitam para dar o bote.

O medo paira no ar.

Sonia Sales é escritora, poeta, historiadora e membro da Academia Carioca de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Erramos: Na edição nº 338, outubro de 2017, o poema foi publicado com autoria incorreta. Publicamos novamente com o devido crédito.

Página 7 - novembro de 2017

Sarau Bodega do Brasil



O Sarau Bodega do Brasil - movimento conhecido por fomentar a cultura popular nas mais variadas formas de arte: Poesia, música, artes plásticas, teatro e dança - é realizado sob a curadoria do cantor e cordelista Costa Senna, todo segundo sábado de cada mês, das 18 às 21 horas, no Espaço Cultural Periferia, no Centro da Ação Educativa, Rua General Jardim, 660, em São Paulo.

É coordenado pelos artistas Cacá Lopes, Adão Santos, Ornela Jacobino, Ângela Dizioli e Júbilo Jacobino. Começou suas atividades no dia 16 de outubro de 2009, no Cineclube Baixo Augusta, em São Paulo.

Os interessados apresentam, por ordem de chegada, performances, improvisos, canções, poesias, aboios, danças, contações de histórias, causos, entre outros seguimentos culturais.

O Sarau também promove lançamentos de livros, CDs e DVDs durante os encontros regulares.

A 103ª edição, realizada no dia 21 de outubro, foi comemorativa aos 8 anos de atividades. Foram agraciados com o *Prêmio Sarau Bodega Brasil* os ativistas culturais Paulo Rams e Ana Fonseca do Coletivo Perifatividade, que é composto por um grupo de poetas, educadores, produtores culturais, músicos oriundos da região do Fundão do Ipiranga. O coletivo atua desde 2008 promovendo saraus, atividades e encontros em sua sede, no CEU Parque Bristol, nas favelas dos bairros do fundão, escolas, Medidas Sócio Educativa, (MSE's), abrigos, entre outros locais. https://perifatividade.com/

A próxima edição do Sarau Bodega Brasil está marcada para o dia 9 de dezembro, sábado, das 18 às 21 horas, no Espaço Cultural Periferia, no Centro da Ação Educativa, Rua General Jardim, 660, em São Paulo. www.facebook.com/sarau.bodegadobrasil



Livros

O Avião Invisível, de Raquel Naveira, crônicas, Ibis Libris, Rio de Janeiro, 260 páginas. R\$ 35.00. ISBN: 978-85-7823-281-8.

A capa e o projeto gráfico são de Romildo Gomes.

A autora é escritora, poeta, advogada, professora universitária, Doutora em Língua e Literatura Francesas pela Universidade de Nancy (França), Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP, vicepresidente da Academia Sul-Matogrossense de Letras e membro da Academia Cristã de Letras de São Paulo e do Pen-Clube.

A obra reúne 76 crônicas. O avião invisível possui uma assinatura RCS - Radar Cross Section - que determina a intensidade de como será detectado pelo radar. Passa invisível pelo inimigo. As crônicas de Raquel Naveira têm assinatura RN, rica em linguagens, que determina a fluidez da leitura. Ela não tem inimigos para passar invisível, porque sua RN é detectada pelos leitores que caem numa emboscada e não conseguem parar de ler.

Ibis Libris: <u>ibislibris.loja2.com.br</u>
Raquel Naveira: raquelnaveira@gmail.com



Crônica Memorista até as BODAS de VI-NHO, de José Peixoto Júnior, Editora Kelps, Goiânia (GO), 264 páginas.

ISBN: 978-85-400-2203-4.

O autor é escritor, poeta, advogado, Auditorfiscal do Tesouro Nacional, conselheiro da Associação Nacional de Escritores e membro do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal, da Academia de Letras de Garanhuns, Associação Cearense de Escritores e da Casa do Poeta Brasileiro/DF.

A obra, ilustrada com fotos históricas, registra acontecimentos comuns de cunho autobiográfico que estão reunidos na Jornada Primeira, Jornada

Segunda e Jornada Terceira. As crônicas memoristas abordam desde a união dos seus pais até a comemoração dos 50 anos de casamento do autor.

Editora Kelps: www.kelps.com.br José Peixoto Júnior: peixotojr@terra.com.br

Arte do Lenho -Xilogravuras, de Antonio Costella, Editora Mantiqueira, Campos do Jordão (SP), 120 páginas.

ISBN: 978-85-85681-34-0.

O autor é escritor, advogado, jornalista, professor universitário e fundador e diretor do Museu Casa da Xilogravura. Lecionou da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Faculdade de Comunicação Social



Cásper Líbero, na Escola Superior de Jornalismo da Cidade do Porto, Portugal, entre outras instituições de ensino.

A obra reúne xilopoemas do autor e outras xilogravuras produzidas de 1982 a 1992. O autor explica como as obras foram criadas e os segredos do fazer artístico. Foram reproduzidas algumas dezenas de xilogravuras de Antonio F. Costella. A narração memorialista abriga informações de interesse técnico.

Editora Mantiqueira: www.editoramantiqueira.com.br Antonio Costella: costella@editoramantiqueira.com.br

Página 8 - novembro de 2017



Ana Marly de Oliveira Jacobino

Ana Marly de Oliveira Jacobino, coordenadora do Sarau Literário Piracicabano e da Agenda Literária Piracicabana, faleceu no dia 21 de novembro em Piracicaba (SP). Escritora, poeta, haicaísta, professora, pedagoga e especialista em Letras, Literatura, Texto e Ensino. O Sarau Literário Piracicabano iniciou suas atividades em 2004, com eventos mensais. A última postagem no blog da Agenda Literária Piracicabana foi o texto de sua autoria Narcisa Amália de Campos uma poeta de coragem, no dia 1 de outubro de 2017, às 13h16. agendaculturalpiracicabana.blogspot.com.br/

Luiz Alberto de Vianna Moniz Bandeira, escritor, intelectual, professor universitário, cientista político e historiador, faleceu no dia 10 de novembro em Heidelberg (Alemanha). Nasceu em 30 de dezembro de 1935 em Salvador (BA). Era cônsul honorário do Brasil. Foi agraciado com o *Prêmio Intelectual do Ano*, em 2005, pela União Brasileira de Escritores. Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo. Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal da Bahia. Autor de *A Desordem Mundial.O Espectro da Total Dominação, Formação do Império Americano (Da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque)*, entre outras importantes obras.

Cora Coralina - Todas as Vidas, documentário sobre a vida da poeta dirigido por Renato Barbieri, distribuído por Tucuman Filmes, será exibido nos cinemas a partir do dia 14 de dezembro. Interpretam Cora as atrizes Walderes de Barros, Camila Salles, Maju de Souza e Camila Márdila. O documentário é inspirado no livro Cora Coralina - Raízes de Aninha (Ideias & Letras).

Jadelson Andrade, cardiologista baiano, lançou *Crônicas do Coração* pela Editora Caramurê. O autor relata sua amizade com Jorge Amado e Zélia Gattai e revela momentos desconhecidos da biografia de Jorge Amado, desde seu infarto aos últimos anos.

Susan Abulhawa lançou a narrativa O Azul entre o Céu e a Água (Editora Bertrand Brasil). A obra conta a história de mulheres imperfeitas de família do Oriente Médio, profundamente corajosas, de corações partidos, de resistência, de renovação.

Notícias

Andreia Donadon Leal lança Cirandando, livro de aldravias infantis, no dia 25 de novembro, a partir das 16 horas, no auditório do ICHS/UFOP. J.B. Donadon-Leal profere a palestra Semiótica e a leitura de mundo.

A Scortecci realiza evento de confraternização promovido pelo Grupo Editorial Scortecci, Canon do Brasil e Bignardi Papéis, no dia 9 de dezembro, sábado, das 14 às 20h30, no Espaço Scortecci, Rua Deputado Lacerda Franco, 96, Pinheiros, em São Paulo.

Maria Beatriz Nizza da Silva, professora titular aposentada de Teoria e Metodologia da História na Universidade de São Paulo, lançou Donas mineiras do período colonial pela Editora UNESP.

Cacildo Marques lança Presidencialismo Direto ilusão e caipirinha, pela RG Editores, no dia 22 de novembro, das 18 às 22 horas, na Biblioteca Mário de Andrade, Rua da Consolação, 94, em São Paulo.

Os crimes da rua Morgue, de Edgar Allan Poe, com tradução de Clarice Lispector, foi lançado pela Fantástica Rocco.

Eumano Silva lançou *A morte do diploma*ta: um mistério arquivado pela ditadura, pela Tema Editorial.

Domício Proença Filho, Presidente da Academia Brasileira de Letras, lançou *Dionísio* esfacelado (Quilombo dos Palmares), poemas, pela Autêntica Editora.

Pedro Herz, presidente do Conselho de Administração da Livraria Cultura, lançou o relato autobiográfico *O livreiro* filho pela Editora Planeta

João Anzanello Carrascoza lançou Catálogo de perdas, pela Editora Sesi-SP. A narrativa reúne relatos de diversos personagens sobre ausências. As fotografias são de Juliana Monteiro Carrascoza

Celso Luiz Tracco lançou Às Margens do Ipiranga, pela Editora Palavra & Prece. A obra aborda as consequências da desigualdade social brasileira.

Arte Verbal 1959-2015 (Editora Poexilio, Brasília, DF, 2016.), de Antonio Miranda, que inclui a poesia visual do poeta, e-book disponível em https://issuu.com/antoniomiranda/docs/arte-20verbal-202.

Reynaldo Valinho Alvarez, membro da UBE RJ, lança o livro TRÍVIO, no Pen Clube do Brasil, dia 23 de novembro, no Rio de Janeiro.

Lua de Outono, antologia e história do Grêmio Haicai Ipê, edição comemorativa dos 30 anos (1987 - 2017), organizada por Teruko Oda, Editora Escrituras, tem lançamento marcado para o dia 26 de novembro, das 14h30 às 17h30, no Japan House, Av. Paulista, 52, em São Paulo.

TORQUATO NETO: ESSENCIAL, de Torquato Neto, organizado por Italo Moriconi, foi lançado pela Editora Autêntica.

Roberto Jefferson- O Homem que abalou a República, biografia não autorizada do jornalista Cássio Bruno, foi lançada pela Editora Record.



Eunice Arruda

Eunice Arruda, poeta, escritora e colaborado do LV, falecida em 21 de março de 2017, foi homenageada no dia 18 de novembro, na Casa das Rosas, em São Paulo. A mesa, coordenada por André Arruda, contou com as participações de Beatriz Helena Ramos Amaral, Claudio Willer, Valdir Rocha, Alzira Espindola e Celso de Alencar. Os presentes fizeram leituras dos poemas da homenageada e deram depoimentos.

O Prêmio São Paulo de Literatura, promovido pela Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, laureou Maria Valéria Rezende, na categoria Melhor Livro de Romance do Ano, com *Outros cantos*. Na categoria Autor Estreante com mais de 40 anos, Franklin Carvalho foi agraciado com *Céus e terra*. Na categoria Autor Estreante com até 40 anos, Maurício de Almeida foi laureado com a obra *A instrução da noite*.

A. Monteiro Filho lançou *Um Acervo de Contos* - Reflexivos e Remissivos (RG Editores).

Maria Firmina dos Reis (1825 - 1917) foi homenageada no centenário de sua morte pelo Centro de Pesquisa e Formação do SESC com um seminário realizado nos dias 9 e 10 de novembro. Escritora, poeta, romancista e professora. Autora do romance Úrsula considerado o primeiro romance abolicionista publicado no Brasil e um dos primeiros escritos produzidos por uma mulher brasileira.

Ricardo Bezerra, presidente da Academia Paraibana de Letras Jurídicas, foi laureado com o Título de Cidadão Mossoroense e com a Medalha Cultural Vingt-un Rosado, pela Câmara Municipal de Mossoró (RN).

PEDALADAS POÉTICAS, antologia organizada por Aroldo Pereira e Wagner Merije, Editora Aquarela Brasileira, que reúne 32 poetas de todo o Brasil que participaram do 31º Salão Nacional de Poesia Psiu Poético realizado em Montes Claros (MG), foi lançada com apoio da Secretaria da Cultura de Belo Horizonte.

A Câmara Brasileira do Livro entrará em recesso no período de 21 de dezembro de a 01 de janeiro de 2018. O prazo para solicitação de ficha catalográfica é até 8 de dezembro.